40 PS.

A Idade das Ameixas

Arístides Vargas

PERSONAGENS

Eleonora.	
Celina.	(Irmãs.).
Francisca.	Mãe de Eleonora e de Celina.
Jacinta.	Irmã de Francisca.
Victoria.	Irmã de Francisca.
Maria.	Mãe de Francisca, Jacinta e Victoria.
Adriática.	
Gumersinda.	(Irmãs de Maria e tias avós de Eleonora
e de Celina.)	
Blanquita.	Criada.

A obra se compõe de cenas soltas que podem ser ordenadas de modo diferente, de acordo com a leitura que se faça em cada caso. Pode encenar-se todas as cenas ou algumas delas; as personagens podem ser representadas por duas atrizes ou dois atores, ou tantas atrizes ou atores correspondentes ao número de personagens existentes na obra. Esta flexibilidade concorda com a estrutura da obra, já que se trata de um jogo sobre o tempo e a idade.

A ordem das cenas que aparece na presente publicação, corresponde à organização que fez o autor ao dirigir a obra para a Corporación Tragaluz.

I

A luz desce sobre um quarto amplo, cheio de móveis velhos. Entre eles podemos distinguir algumas malas, um armário, um baú e um par de bicicletas femininas. No fundo há uma ameixeira em flor, debaixo dela, uma menina brinca com uma espada enquanto canta suavemente uma canção infantil: é Celina criança. No proscênio, Eleonora adulta, sua irmã, escreve uma carta. Este jogo de escrever cartas simboliza o presente dramático e operará como um sinal para as trocas de cena e personagens; se alternará entre Celina e Eleonora durante toda a obra.

ELEONORA: Querida irmã: te escrevo esta carta porque mamãe está muito próxima de morrer, mas não é necessário que venhas porque, como dizia Blanquita: "Para um velório só se necessita de um morto". Também quero te dizer que comecei a recordar todas as mulheres da velha casa; não sei porque, talvez com o único e são propósito de treinar os músculos da memória, embora não creia que a memória seja um músculo; mas sim uma artéria por onde passam, atropelando-se, lugares, objetos, rostos que foram, abraços que não demos ou que não nos deram... Por que será que alguém crê que não entregou a tempo os afetos, e não se da conta de que aos outros também se fez tarde para nos abraçar? Os desejos que nunca revelamos também foram desejos que os outros não revelaram; e eles se calaram e nós nos calamos também porque assim nos educaram, com uma mão na boca e a outra também na boca.

Às vezes as recordações não são tão cruéis; o vivido, então, pode ser recordado de uma maneira diferente a cada dia. Por isso as recordações não curam a vida: uma recordação poderia nos matar, mas nunca poderia nos curar; uma recordação poderia nos matar, mas como são tão ilusórias também a morte o seria.

Enfim, é tudo uma confusão este assunto das recordações! Se lembra da nossa infância, minha irmã? Havia ratazanas na nossa infância. Você se lembra que nós as caçávamos com paus? Às vezes, quando todos dormem e só eu estou acordada, ouço que arranham minha memória aqueles animaizinhos cinza da nossa infância...

Eleonora deixa de escrever e, voltando ao passado, se incorpora ao jogo infantil de Celina.

CELINA: Prenderemos uma corda no seu rabo...

ELEONORA: E chorava, e chorava... Então a senhora Blanquita lhe disse: "senhora, a sopa vai acabar ficando muito salgada". Assim que ela disse.

CELINA: ...e a pendúraremos com caixa e tudo no armário que está no quarto das tranqueiras.

ELEONORA: (Explodindo)
Para que você vai fazer isso? Isso é asqueroso, é repugnante.

CELINA: Assim é a morte.

ELEONORA: Então eu não quero matar ratazanas.
(Tenta ir)

CELINA: Não se mexa!

ELEONORA: Mas...

CELINA: Não se mexa! Se você se mexer eu te golpearei como uma ratazana e te prenderei de ponta cabeça no armário velho que está no quarto das tranqueiras.

ELEONORA: Eu só ia ver se a tia Adriática estava espiando por aí...

CELINA: A tia Adriática está preparando a sua mala para partir outra vez.

ELEONORA: (Tentando mudar de assunto.)
Por que a tia Adriática se chama Adriática?

CELINA: Porque é tão chata como o mar.

ELEONORA: Você conhece o mar?

CELINA: Sim.

ELEONORA: Como é?

CELINA: Pura água, cheia de peixes e mariscos.

ELEONORA: (Tentando ser ~~graciosa~~engraçada.)
Como uma sopa de mariscos.

CELINA: Sim, mas salgada e fria.

CELINA: Não, você não; porque você nasceu tonta, e as tontas vão ser tontas por toda a vida, até morrerem.

ELEONORA: (Angustiada.)
Eu não quero morrer.

CELINA: (Cantando.)
"En la casa de don Vito se comieron un chivito..."'

ELEONORA: Deve ser horrível ficar só na Terra...

CELINA: "Si el chivito dice mu, lo cocinan con vermut..."

ELEONORA: Debaixo da terra, sem mamãe nem tia Jacinta...

CELINA: "Si el chivito dice ma, lo cocinan con coñac..."

ELEONORA: Cala a boca, me da medo quando você canta! Minha mamãe disse que papai sempre cantava, mas uma manhã deixou de cantar; a gente que canta, algum dia deixa de cantar e isso me dá medo. Por isso eu não canto.

CELINA: Se te deixassem escolher entre viver de ~~faz de conta~~conversa fiada ou morrer de dar risada, o que você escolheria?

ELEONORA: Viver de ~~faz de conta~~conversa fiada.

CELINA: Então a avó Maria tem razão.

ELEONORA: Em que?

CELINA: Que você é uma tonta sem remédio.

ELEONORA: (Explodindo)
Malvada, mas que malvada, nunca mais quero ser sua irmã! Escutou? Nunca mais! A avó Gumersinda disse que você é assim porque passa muito tempo deitada e disse que na cama é que se empoleiram os pecados e as maldades; por isso tia Victoria dorme na cadeira ou parada ou caminhando. Por isso você é malvada, porque você deita.

CELINA: Fica quieta, fofoqueira!

ELEONORA: Não vou ficar quieta!

CELINA: Silêncio, língua solta, escuta...!

ELEONORA: Que?

CELINA: É ela...

ELEONORA: A ratazana?

CELINA: Sim.

ELEONORA: E agora, que faremos?

CELINA: Vamos dar uma paulada e enfiá-la numa caixa.

ELEONORA: Por que?

CELINA: Porque ela está comendo a porta da cozinha, logo comerá a senhora Blanquita, logo a mamãe, logo a avó Maria e a avó Gumersinda...

ELEONORA: E a tia Adriática?

CELINA: Não, ela não.

ELEONORA: Por que?

CELINA: Porque as ratazanas não comem as suas irmãs.

ELEONORA: Malvada!

CELINA: Silêncio, aí está...! Vem aqui, ratinha.

ELEONORA: E eu o que faço?

CELINA: Fique quieta, e se ela saltar no seu pescoço despeça-se deste mundo.

ELEONORA: Ai ai ai, as coisas que você diz!

CELINA: (Descarregando um golpe violento contra uma ratazana imaginária às costas de Eleonora)
Toma sua surra!

ELEONORA: (Congelada de medo)
Você a matou?

CELINA: Não sei. Agora agarre ela pelo rabo, meta ela em uma caixa e ponha no armário velho.

ELEONORA: Não, não quero vê-la.

CELINA: Então, eu vou revivê-la.

ELEONORA.: Não, não quero que viva.

CELINA: Então, eu mato mais.

ELEONORA: Não, não quero que morra, mas também não quero que viva.

CELINA: Então, o que você quer?

ELEONORA: Que a gente prenda ela.

CELINA: Por isso te disse: agarre o rabo dela e meta em uma caixa.

ELEONORA. Está bem... Faremos um julgamento justo?

CELINA: Digno de uma ratazana.

ELEONORA: Como a chamaremos?

CELINA: Ameixa, a chamaremos de Ameixa!

A luz da cena baixa e somente permanece iluminada a ameixeira que está no fundo do cenário; sobre ela se vêem as silhuetas das duas irmãs, que por um instante sussurram uma canção infantil.

III

Celina adulta escreve uma carta enquanto Eleonora, como se se tratasse de um ritual, move os objetos da cena e prepara dois vestidos velhos que usarão na cena seguinte.

Celina adulta escreve à sua irmã:

CELINA: Querida irmã Eleonora: creio recordar aquelas ratazanas de nossa infância; havia ratazanas porque não havia gatos, e não havia gatos porque avó Maria não suportava desnudarsse diante da vista inquisidora de um gato...

Sempre me perguntei por que naquela casa éramos todas mulheres e, de alguma maneira, todas tristes; talvez... todas ridículas, não sei; ou tristes, ridículas e sós. O problema da tristeza entre nós era que não podíamos distinguir quando terminava a solidão e quando começava o ridículo, e isso nos tornava melancólicas. Há dois tipos de

mulheres na família: as celestiais e as terrestres. Mamãe era metade e metade; quer dizer que tinha asas, mas não voava, o que lhe dava o aspecto de galinha e não de anjo.

Pobre mamãe, tentando morrer! Porque há outras que tentam e não conseguem: a avó Maria e a avó Gumersinda, por exemplo, decerto que morreram, mas eu não as vi morrer. Lembro delas sempre em seus intermináveis monólogos sobre o amor, o engano e a vingança enquanto bebiam vinho de ameixa.

Para mim a memória não é um músculo nem uma artéria, senão um nariz porque esse odor de vinho de ameixa azedo de nossas avós me perseguiu desde sempre, e não sei o que fazer com esse odor avinagrado que deixam os dias tristes da vida...

IV

Celina abandona a ação de escrever e se incorpora ao deslocamento de Eleonora, que assumiu o papel da avó Maria. Eleonora e Celina começam a perambular pelo espaço como faziam suas avós: bebendo vinho e falando. A luz adquire uma tonalidade marfim, como de fotografia velha.

AVÓ MARÍA: Diga-me uma coisa, Gumersinda: Qual é o truque para que o vinho de ameixa se torne tão ~~nica~~gostoso?

VÓ GUMERSINDA: A idade da ameixa. Tudo depende da idade da ameixa.

MARÍA: Ameixa tem idade?

GUMERSINDA: Somente de olhar a flor, a pessoa se da conta se a fruta vai para o vinho ou para o vinagre.

MARÍA: Eu estou azeda.

GUMERSINDA: Está velha; não sei se azeda.

MARÍA: Você também está velha, mas tem um brilho nos olhos...

GUMERSINDA: É a dignidade.

MARÍA: Quer dizer que você não envelhece, mas envelhece sua dignidade?

GUMERSINDA: Para a dignidade os anos não passam.

MARÍA: Eu, ~~sem dúvida~~no entanto, envelheço; ~~eu digo~~quer dizer, eu, eu envelheço.

GUMERSINDA: Sim, eu te entendo.

MARÍA: Antes, quando vivia Alfonsito, eu me passava cremes, mas agora não. Essas são as vantagens de se estar velha e só.

GUMERSINDA: Agora você tem a você mesma.

MARÍA: Mas a mim não tenho que enganar.

GUMERSINDA: Você enganava Alfonsito?

MARÍA: Não, é claro! Ele que me enganava.

GUMERSINDA: Alfonsito nunca te enganou.

MARÍA: Como você sabe?

GUMERSINDA: Eu imagino.

MARÍA: Minha vida com Alfonsito foi um imenso e prolongado bocejo, especialmente os domingos em que íamos almoçar na casa de sua mãe.

GUMERSINDA: Que Deus a tenha em sua santa gloria!

MARÍA: Ela deve estar enchendo o saco de São Pedro, São Paulo e todos os discípulos.

GUMERSINDA: Maria, por favor!

MARÍA: (Imitando sua sogra)
~~Vejamos, rapazes,~~Então rapazes tomem a sua sopinha que já vem o segundo prato! E você Jesusito, ~~cortará~~ corte o cabelo, meu bonitinho. Que é isso Mateusito, escrevendo o evangelho na mesa? E você, don Pedrito, ~~vá abrir~~abra a porta, deve ser Alfonsito que já morreu. Alfonsito, filho! Como você demorou!

Parece que eu os estou vendo, Alfonsito e sua mãe enchendo o saco no céu.

GUMERSINDA: Eram boas pessoas.

MARÍA: Tontos é o que eles eram!

GUMERSINDA: Por que você não se separou?

MARÍA: E isso teria te agradado?

GUMERSINDA: Não estou dizendo isso, estou dizendo que...

MARÍA: Eu sei o que você está dizendo, mas você se esquece que naquele tempo você se casava, entregava sua virgindade e nunca mais te lhe devolviam. E não havia coisa mais terrível para uma mulher que regressar ao mundo sem sua virgindade nas costas.

GUMERSINDA: Mas deve ter havido algum momento de felicidade.

MARÍA: Nenhum.

GUMERSINDA: Mas se Alfonsito era um anjo...

MARÍA: Um anjo exterminador.

GUMERSINDA: Se sua timidez beirava à inocência...

MARÍA: E ele a curou com uma boa dose de audácia.

GUMERSINDA: Nunca extravasou.

MARÍA: Você sabe demais sobre Alfonsito, o tímido.

GUMERSINDA: Só imagino.

MARÍA: E o que mais você imagina?

GUMERSINDA: Olha, a única coisa que eu quero dizer é que ele sempre foi um cavalheiro.

MARÍA: Com você ele sempre foi um cavalheiro, porque você não teve que agüentar sua falação durante o almoço, seus ares de grandeza na refeição, seu mal cheiro na cama...

GUMERSINDA: Mas, por que você se casou?

MARÍA: Nos casaram, como é natural neste povoado. Logo nos fazem filhos, logo nos enganam, e por fim nos deixam na solidão, que é nosso estado natural. As que se salvam desta sinadesete périplo voltam a casar com o Alfonsito da vez e voltam a ter sogra, coisa que aqui é mais terrível para uma mulher do que para um homem.

GUMERSINDA: Eu não acredito nisso.

MARÍA: Não acredita porque nunca foi mãe ou sogra; foi apenas amante.

GUMERSINDA: Não sei porque você está dizendo semelhante estupidez.

MARÍA: O que você acha, que nunca me dei conta do seu romance com Alfonsito, o tímido?

GUMERSINDA: Foi apenas um amor gentil.

MARÍA: O que você acha, que nunca me dei conta de que minha irmã do coração ia para cama com o meu marido?

GUMERSINDA: Nunca fomos pra cama.

MARÍA: Não foi necessário. Vocês faziam em qualquer canto.

GUMERSINDA: O vinho de ameixa está te embriagando.

MARÍA: Ao contrário, os Alfonsitos me embriagam; o vinho me desembriaga.

GUMERSINDA: A língua é a única coisa que você tem sóbria.

MARÍA: (Com amargura)
Onde vocês faziam?

GUMERSINDA: Não sei, eu esqueci. Foi há tantos anos...

MARÍA: (Quase gritando)
Em que lugar dessa casa miserável vocês faziam?

GUMERSINDA: (Violenta)
Cale a boca, Maria, cale a boca! Você diz tudo isso porque foi incapaz de ser feliz e de fazer feliz o seu marido, porque sempre viveu à sombra das decisões de nossa mãe, porque você não escolheu, mas sim escolheram por você. Mas você aceitou porque é sempre mais cômodo aceitar do que se rebelar. Então você se transformou em uma cínica, minha irmã, sob o pretexto de que não te deixavam opções. Nunca nos deixaram opções e nos acostumamos a viver nesse estado de estupidez dos que nunca farão nada diferente. Por isso somos conservadoras nesta casa, porque somos acomodadas e temos um medo profundo de sermos diferentes.

MARÍA: (Triste)
Nunca me incomodou que ele te amasse. O que me incomodava é que ele te fazia coisas que a mim nunca tinha feito, ainda que isso soe ridículo e brega. A breguice é o último recurso das mulheres sozinhas.

GUMERSINDA: Maria...

MARÍA: Alguma vez você ouviu o bater de asas de uma mariposa dentro de uma garrafa?

GUMERSINDA: Não.

MARÍA: Eu já. Uma noite, há muitos anos, numa garrafa vazia de vinho de ameixa. Me aproximei: a mariposa era branca, e suas asas cheias de letras. Batia as asas tão forte que produzia um ~~ruído~~ barulho ensurdecedor. Ao ler o que diziam as letras compreendi que não me amava, que essa mariposa não era para mim. Então estilhacei a garrafa contra a parede e a mariposa voou. Seguramente havia outro coração... Que idade deve ter a ameixa para ser vinho e não vinagre?

A avó Gumersinda tenta abraçar a avó Maria, que se esquiva. Nesta ação, Celina e Eleonora deixam de representar suas avós. A luz baixa.

V

ELEONORA: Aquelas nossas avós tinham uma forma peculiar de se lastimarem. Creio que as feridas entre nós viajavam em malas e cada mulher daquela casa tinha uma, a única que não tinha essa mania por malas doloridas era nossa mãe Francisca. Sempre me lembro dela arrumando a casa, brigando com as cortinas desbotadas pelo sol de janeiro, comidas pela umidade deixada pelas chuvas de março; nossa mãe estava sempre batalhando sem se dar conta de que é impossível lutar contra as cortinas, contra as goteiras, contra o pó que se acumula nas janelas. É impossível lutar todo dia e sempre contra o que cedo ou tarde sobreviverá à nós. Daqui a pouco mamãe partirá para sempre e as cortinas continuarão ali, mamãe terá perdido a batalha final contra as cortinas. Claro que não foram batalhas épicas, porque mamãe nunca conseguiu voar - não por sua condição de "galinha", mas porque decidiu ser árvore e não pássaro. – A que decidiu ser pássaro foi Tia Adriática: Ela voou em uma manhã de outubro ajudada por nossa mãe Francisca...

VI - Decoa, Adriática

ADRIÁTICA: ~~Estou cheia~~Chega, Jacinta, ~~estou cheia~~chega.

FRANCISCA: Não sou Jacinta, sou Francisca.

ADRIÁTICA: É o mesmo, o mesmo, nessa casa tudo é o mesmo. Há tantas mulheres que a gente perde a conta, mas um dia desses, um dia desses...

FRANCISCA: Que?

ADRIÁTICA: Pego minhas coisas e vocês não verão mais nem um fio de cabelo meu.

FRANCISCA: Da peruca, você quer dizer?

ADRIÁTICA: É o mesmo, nessa casa é tudo o mesmo: peruca, cabelo postiço, aplique. Estou cheia dessa casa: entra-se no banheiro e encontra-se unhas postiças, cílios postiços, próteses para levantar o nariz, próteses para levantar o traseiro, próteses dentais... somos "mulheres quebra-cabeça", mulheres para montar. Não agüento este lugar...E você, quem é?

FRANCISCA: Francisca, já disse.

ADRIÁTICA: Queria mesmo falar contigo! Veja, suas filhas deixaram um animal apodrecendo no guarda roupa de cima. Eu que queria fugir do cheiro de ameixa rançoso da tua mãe, porque ela enfiou na cabeça que vai fazer vinho de ameixa, o que é uma estupidez – porque vinho é da vid, senão, não se chamaria vinho-...Enfim, eu subi aqui em cima para respirar ar puro e acabou que o cheiro daqui era pior! Esse animal está morto há pelo menos três meses. O cheiro é putrefato, para não dizer mais...Como estou, Jacinta?

FRANCISCA: Francisca.

ADRIÁTICA: Francisca, como estou?

FRANCISCA: Bem.

ADRIÁTICA: Estou mal, para que vou mentir para ti, para ti?...Qual é o parentesco entre você e eu?

FRANCISCA: Você é minha tia.

ADRIÁTICA: É que há tantas mulheres nessa família que a gente perde a conta. Estava te dizendo que estou mal, que não suporto este lugar. Muitas vezes penso em fugir de bicicleta, até comprei uma, mas nunca aprendi a andar: são tão esquisitas...

FRANCISCA: Quem?

ADRIÁTICA: As bicicletas. São para uma época diferente da minha. Talvez se eu fosse mais jovem...às vezes penso que para mim ficou tarde para fugir desse lugar. Nasci entre o cavalo e a bicicleta: tarde para montar a cavalo e tarde para andar de bicicleta. Nasci tarde: esse é o meu problema. Qual é o parentesco entre eu é você?

começam poses

FRANCISCA: (Cansada da mesma pergunta sempre) Sobrinha, você é minha sobrinha!

ADRIÁTICA: Mas você é muito mais jovem do que eu.

FRANCISCA: Só na aparência: na família as jovens são as mais velhas.

ADRIÁTICA: Como assim?

FRANCISCA: É uma doença.

ADRIÁTICA: Não sabia que existia tal doença na família.

FRANCISCA: Você não sabe de muitas coisas, por isso não pode ir. Não sabe que agora existem os aeroportos?

ADRIÁTICA: (Rindo) O que é isso? Um porto que voa?

FRANCISCA: Não tia. É um lugar aonde as pessoas vão, fogem, se despedem. Há uma sensação mundana nesse lugar e um cheiro de cera. E se pode ir tão rápido, que nem bem se chega, parece que nem partimos.

ADRIÁTICA: Hui! Essa deve ser uma sensação belíssima, belíssima. Imagina: viajar sem se mover, estar em outro lugar estando no mesmo lugar, e ainda conhecer pessoas que não são essas que conhecemos, mas outras que vamos conhecer.

FRANCISCA: Sim, tia. Pode-se fechar os olhos e abri-los em outra paisagem, onde as árvores são violetas e as pessoas são azuis, e não há nem família, nem cheiros rançosos...

ADRIÁTICA: Isso é extraordinário! É extraordinário Jacinta...ou seja lá qual for o seu nome! É como viajar no sopro de um anjo.

FRANCISCA: É ainda mais: é como se você mesmo fosse um anjo.

ADRIÁTICA: Eu, um anjo?

FRANCISCA: Sim, você, um anjo.

→ param as poses

ADRIÁTICA: Sim, um anjo. Até que enfim, alguém reconhece a minha natureza celestial. Não é que eu queira me fazer de superior, mas queria que esta família soubesse de uma vez por todas que sou um anjo e que não há coisa mais terrível para um anjo que não pode voar. Por isso zombam de mim e me dizem que estou louca, porque os mais estúpidos não podem ver as asas que nascem nas minhas costas. Nem eu as posso ver, porque eita lugar para se ter asas! Mas quando alguém como você me diz que aí, nesse lugar tão distante para a nossa consciência, tão remoto para a nossa racionalidade, tenho asas, eu acredito. Por que não hei de crer em algo que não posso ver? Por acaso não acreditamos em Deus? É claro que acreditamos. E recorremos a ele a todo o momento, como se se tratasse de uma farmácia invisível que cura as dores da alma e as dores do espírito; e com a mesma facilidade com que vemos, deixamos de ver, para nos tornarmos vis, avarentos, terrenos, medíocres e sem asas. Nessa família ninguém tem asas e as minhas nasceram nas costas, onde não posso vê-las.

FRANCISCA: Tia, já viu que bonita está a ameixeira do jardim?

ADRIÁTICA: Não.

FRANCISCA: Vá vê-la, e se tiver vontade, corte as flores mais altas.

ADRIÁTICA: Nos ramos mais altos há mais flores, porque ninguém as alcança.

FRANCISCA: Só os pássaros e os anjos...

(Tia Adriática sai)

FRANCISCA: Os anjos são pessoas amáveis e gentis que pedem perdão a todo o momento, ainda que não venha ao caso; só possuem o que carregam consigo e se suicidam de duas maneiras: lançando-se em picada contra os cabos de alta tensão ou grudando-se em fitas ~~sujas~~ com cola que se penduram nos tetos para capturar moscas, sujeirinhas do ar e anjos caídos.

(Escuta-se o som do corpo de Tia Adriática caindo da ameixeira. A luz baixa suavemente sobre Francisca)

VII

CELINA: Minha querida irmã Eleonora, não acredito que tia Adriática tenha voado, creio que ela caiu da ameixeira do jardim, todas a viram cair, só Blanquita a viu voar. "Blanquita é como se fosse da família" – dizia avó Maria. Velha mentirosa! Blanquita era uma criada e sempre a trataram como tal, porque não éramos mulheres, mas ofícios; e assim como à mamãe coube o de limpar, à Blanquita coube o pior de todos, o de servir. Por isso gritava, gritava muito. A muitos anos de distância posso escutar os berros de Blanquita protestando porque os funerais de tia Adriática duraram 15 dias.

VIII

BLANQUITA: Ai que cansaço, meu Deus! Me tiram o ar nessa casa, mas quando se é pobre, se tem que agüentar o que elas fazem. Se eu não estivesse aqui, isto estaria praticamente uma bagunça. Quem iria agüentar um velório de 15 dias? O que eles esperam, que ressuscite? Depois vão dizer: por que não a enterramos a tempo! Agora vamos ter que agüentar a finada até que morra de novo. Pobre Dona Adriática! Eu sim gostava dela, apesar de tudo! A quantidade de gente que tem vindo... hui Deus meu, o que tem de ociosos visitando defuntas. Viva, ninguém a visitava, morta todo mundo o faz. É preciso morrer para que alguém nos queira...

VOZ EM OFF: Blanquita! Blanquita!

BLANQUITA: Já vou Srª Maria, estou lavando os copos. Eu acho que a Dª Adriática está sendo mantida nesse mundo com o único propósito de que venha gente para que elas possam servir o vinho de ameixa de Dª Maria. Ela fica fazendo essa beberagem de ameixa que só serve para as bebedeiras entre ela e Dª Gumercinda. Pobre Dª Adriática permanece aí, esperando! Ela que sempre chegava tarde em tudo. Até quando caiu da ameixeira, tremendo tombo que ela levou e saiu caminhando como se nada tivesse acontecido, tive que dizer pra ela que ela tinha morrido, porque ela ainda não tinha percebido. É que chegava tarde em tudo, a pobrezinha.

VOZ EM OFF: Blanquita, estamos te esperando!

BLANQUITA: Já vou! Estas daí acham que eu sou uma "mulher-orquestra"; não tenho mais do que duas mãos, não sou como o Dr Argudo, esse que tem ficado ao lado da finada, alguma coisa devem ter tido. Já está há cinco dias do lado dela e já bebeu mais vinho de ameixa que todos os

visitantes juntos. Parece que tem quatro mãos para pegar os copos, esse tal Dr Argudo, e não só para os copos, mas para as pernas do setor feminino. Se até na Dª Victoria estava metendo a mão, mas como ela é meio distraída, nem havia se dado conta, até que eu percebi e lhe disse: Dª Victoria, o que é essa mão no meio das suas pernas? E a burra foi e me disse: não sei, alguém deve ter esquecido. E o Argudo ali, como se não fosse com ele. Assim são nesta família, todas as mulheres são lelé da cuca. Mas do Argudo, desse eu tenho raiva...Diz que é meio dado à política e todos sabemos que as mãos de um político ou estão nos ares esticando um dedo, ou nos bolsos coçando sabemos bem o que, ou bêbadas sobre as pernas de uma mulher.

VOZ EM OFF: Blanquita, o vinho, por favor!

BLANQUITA: Já vou, já vou! Me deixam cheia, como dizia Dª Adriática – que Deus guarde sua alma no céu, porque seu corpo, nós estamos segurando na terra até que se infle, se infle e saia voando e não tenhamos que sepultá-lo na terra, mas no ar. E olha que não é minha essa teoria, mas de Dª Maria, que disse que nas defuntas sepultadas no ar, não é preciso plantar flores nem regá-las, somente podá-las como as ameixeiras para que as lembranças cresçam com mais força e retomem a cada verão.

IX

A ameixeira do fundo se ilumina enquanto aparece a silhueta de Celina criança brincando debaixo da árvore.

Eleonora adulta escreve à sua irmã.

ELEONORA: Minha irmã: a decomposição do corpo da tia Adriática era a mesma que a do corpo daquela ratazana guardada no sótão, era a mesma que a das ameixas decompostas da avó Maria e a mesma dos afetos familiares. Todas tinhamos a carne de ameixa e todas amadurecíamos sem pressa e sem fadiga, e isso nos aterrorizava: é o mesmo terror que eu experimento agora ao ver mamãe respirar com dificuldade. Mamãe é uma ameixa madura que aguarda as brisas de setembro... Como eu gostaria de deter o tempo! Como quando tínhamos dez anos e queríamos salvar as mulheres daquela casa dos rigores do abandono e da idade.

(Eleonora se incorpora ao jogo de Celina, que pegou uma caixa onde supostamente está a rata morta)

CELINA: O corpo da Ameixa está podre.

ELEONORA: As ratazanas têm alma?

CELINA: Sim.

ELEONORA: Então ela deve estar com a tia Adriática no mesmo paraíso.

CELINA: Não, porque a tia Adriática não foi para o paraíso.

ELEONORA: Foi para o inferno?

CELINA: Não, tia Adriática voou para a estratosfera.

ELEONORA: Eu também quero voar algum dia.

CELINA: Nós não podemos voar, essa é a maldição familiar.

ELEONORA: Eu sim, porque quando olho um calendário onde há uma paisagem, fico fixa e num segundo...zás! Estou dentro da gravura.

CELINA: Mas você sempre volta porque é a maldição familiar...

ELEONORA: Que maldição, nem "naldição"! Há tempo eu estava metida em um calendário e se regressei é porque tínhamos que fazer o julgamento da Ameixa.

CELINA: Não tem como.

Eleonora: Por quê?

CELINA: Porque o tempo apodreceu o corpo da Ameixa. Não temos como condená-la.

ELEONORA: Certo, né? Só lhe resta a pele... E agora? A quem vamos condenar?

CELINA: (Com determinação) O tempo tem a culpa. Temos que julgar o tempo.

LA EDAD DE LA CIRUELA

ELEONORA: O bom tempo, o mal tempo, qual tempo vamos julgar?

CELINA: Idiota, você não entende nada!

ELEONORA: Não me xingue.

CELINA: Se te xingo é porque você é ignorante. Vai trazer um almanaque.

ELEONORA: Não me mexo e não me xingue.

CELINA: Eu te ordeno, sou sua irmã maior. Sou maioria.

ELEONORA: E eu sou sua irmã minoria, e daí?

CELINA: Olha, se não me trouxer o almanaque... a maldição familiar...!

ELEONORA: Que maldição, nem "naldição"! Você inventou isso porque quer mandar em mim.

CELINA: Basta! Não quer se mexer?

ELEONORA: Se quer um almanaque, busque você mesma.

CELINA: Está bem, não se mexa. Mas o tempo vai aprontar uma das suas com você. Olha o que ele fez com a Ameixa, olhe o que fez com a tia Adriática e à avó Maria, ele lhe encheu a cara de rugas e lhe colocou um humor de cadela. (Melodramática) Se não o detivermos, acabará matando a todas as mulheres desta casa.

ELEONORA: A mim também?

CELINA: Você será a primeira.

ELEONORA: (Com determinação) Temos que julgar o tempo.

CELINA: (Pegando um almanaque velho) Comecemos. Eu sou a que acusa.

ELEONORA: Eu também.

CELINA: Não, você defende.

ELEONORA: Por quê?

CELINA: Porque você é mais boazinha que eu e as que defendem são sempre mais boazinhas que as que acusam.

ELEONORA: Então, eu defendo.

CELINA: ...mas menos inteligentes.

ELEONORA: Então eu acuso.

CELINA: Mas as boas vão para o céu quando morrem.

ELEONORA: Então, eu defendo.

CELINA: Bem, eu começo: senhores do júri...

ELEONORA: Protesto! No júri somos todas senhoritas.

CELINA: Senhoritas do júri...

ELEONORA: Muito bem.

CELINA: Vocês se perguntarão...

ELEONORA: Muito bem.

CELINA: Cala a boca! Prosseguindo. Gostaria de perguntar: o que fazia o tempo no dia 21 de março do ano em curso sobre a cara de minha velha avó?

ELEONORA: Protesto! Essa pergunta não nos leva a lugar nenhum, porque se o tempo estava sobre a cara de minha avó ele estava encaramado e nada mais.

CELINA: Eu também pensei assim, até que vi o tempo com dois gizes de cera na mão, um preto e outro branco. Com o negro desenhava linhas profundas sobre o rosto de minha avó e com o outro pintava mechas brancas sobre sua cabeleira negra; e não contente com isso, lhe esmagou os peitos até desinflá-los.

ELEONORA: Protesto! Isso não pode ser.

CELINA: O que você está dizendo?

ELEONORA: A avó nunca mostrou os peitos a ninguém, nem sequer ao tempo, portanto duvido que o delito exista porque o corpo do delito nós nunca vimos.

CELINA: Mas nós vimos o seu rosto com as rugas.

ELEONORA: Não é o suficiente.

CELINA: E o que ele fez a nossa mãe?

ELEONORA: Em nossa mãe ele não tocou.

CELINA: Isso é você que acha.

ELEONORA: O que ele fez?

CELINA: Duas filhas.

ELEONORA: Protesto!

CELINA: Protesto negado. Porque a defesa se nega a reconhecer que é filha do tempo, que é o pior inimigo das mulheres. Nosso pai é o tempo que passa. Nós não o vemos, mas nossa mãe se encontra com ele quando se põe a fiar pelas tardes, e quando vai para a cama, vai com o nosso pai, o tempo. Por isso a vemos sozinha e vazia, porque o nosso pai tem o puta costume de estar e não estar ao mesmo tempo. Por isso podemos matá-lo com partidas de baralho, fofocas e jogos de paciência. Eu vejo o meu pai, o tempo, rir de nossa mãe quando ela passa roupa ou quando nos canta uma canção para que durmamos. Então eu posso ver como ele a faz mãe, como ele a faz velha e a leva para nunca mais devolvê-la... Agora tem que defendê-lo...

ELEONORA: Bem, eu... não seria melhor que o condenássemos de uma vez?

CELINA: Não, tem que defendê-lo!

ELEONORA: Mas eu não tenho muitas coisas para dizer.

CELINA: Tem que falar.

ELEONORA: Não quero falar.

CELINA: Covarde!

ELEONORA: Não sou covarde.

CELINA: É sim!

ELEONORA: Não sou, não!

CELINA: Então fala.

ELEONORA: (Angustiada) Não quero, não quero, não quero...

CELINA: Fala, senão eu vou julgar você!

ELEONORA: Está bem... Eu queria dizer...

CELINA: Mais alto, que eu não estou escutando.

ELEONORA: Queria dizer... que o tempo não faz mal a ninguém, porque o tempo é ignorante; é certo que passa, mas passa para todos, inclusive para as estátuas e relógios que o querem contar. Mas o tempo não sabe que está sendo contado. Tia Jacinta diz: "Para mal tempo, boa cara"; mas eu acredito que ao tempo pouco importa a boa cara da tia Jacinta. A tia Victoria diz: "Há tempos de vacas magras e tempos de vacas gordas; há tempo de dizer basta". Assim que ela diz. E o pobre tempo não tem tempo de se dar conta do tempo que lhe coube viver, mas nós o responsabilizamos por todas as nossas porcarias. E por último, creio que o tempo é nada, porque vovó Gumercinda sempre diz: "Não tenho tempo para nada". Assim que ela diz.

CELINA: Bem. Foi uma boa defesa.

ELEONORA: Obrigada.

CELINA: Não vamos matar o tempo. Visto que a defesa usou argumentos convincentes. Vamos detê-lo. Hoje, 19 de abril, ante o cadáver de Ameixa, proclamamos que para o resto de nossas vidas será 19 de abril. E ordenamos que o tempo seja detido! Já!...Percebe algo estranho?

ELEONORA: Sim, percebo... percebo que...Nós paramos o tempo!

CELINA: Mas como você sabe?

ELEONORA: Porque a Ameixa deixou de apodrecer.

CELINA: A Ameixa vai ter a mesma idade para sempre.

ELEONORA: Bravo, foi o triunfo das mulheres sobre o tempo! Te parabenizo senhora promotora.

CELINA: Eu também me parabenizo.

ELEONORA: Você tem que parabenizar a mim também.

CELINA: Não.

ELEONORA: Por quê?

CELINA: Porque o tempo parou justamente quando eu terminei de me parabenizar.

ELEONORA: E agora?

CELINA: Agora espera até que o tempo seja tempo de novo.

(Eleonora começa a perambular pelo espaço enquanto se veste de avó Maria. A luz baixa)

XI

Celina tira um violino de um das malas e começa a tocar enquanto fala. Celina adulta escreve a sua irmã.

CELINA: Irmã do meu coração: Você se lembra quando a vovó Maria dava aulas de violino para a tia Victória, sonâmbula? Havíamos detido o tempo em cada mulher daquela casa, e a casa se tornou estranha e sem tempo. E cada mulher com tempo suficiente para fugir do tempo...

XII

Celina começa a perambular como uma sonâmbula com o violino; Eleonora assume o papel de Vovó Maria.

VOVÓ MARIA : Bem, coloca o cotovelo como se fosse dar um soco em alguém, mas não com violência, Victória, não com violência. Com suavidade. Faça o arco deslizar sobre as cordas. Assim, assim; vamos ver, vou ajudá-la. Vamos pegar o ritmo e então vamos! Assim, assim, Victória. Agora que o tempo parou, me sobra tempo pra estas ocupações... Não pense que é um ato para lavar a minha culpa por não ter querido bem a você, minha filha. Eu não queria bem a ninguém: nem a você, nem às suas irmãs, nem a mim mesma. Não por maldade, mas por estar sempre nas nuvens onde moram os pedreiros que fazem castelos no ar. Vocês herdaram esse dissabor, esse passar pela vida sem se dar conta! Minha pobre filha! O tempo parou enquanto você dormia. Agora você deve caminhar sem pressa e se acostumar a não estar. Mas não fique angustiada, sua mãe vai lhe ensinar a tocar o violino de tal maneira que todos os homens vão dizer: "Que mulher mais esperta, como gostaria de me casar com ela!" E vão levar você ao leito nupcial, farão amor e nem se darão conta de que você está dormindo. Bem, Victória, vamos ao seguinte movimento... assim não, Victória, assim não; com suavidade. Já, Victória, já! Se você for continuar errando, vamos parar por aqui e se acabou. (Pausa) Vamos tentar de novo... Vê como é fácil? Com cuidado, com cuidado e elegância. As cordas de um violino são como cordas da alma e sua música, os sentimentos melodiosos do coração. Não Victória, não. Já repeti mais de mil vezes quando você estava acordada, e agora que está dormindo, volto a repetir, a reiterar, a gritar: O violino é um instrumento cuja grandeza e gozo reside na maneira de apoiar a bochecha nele!... Não, assim não Victória, não vá se apoiar sobre o instrumento; tem que meditar, meditar! Basta, se acabou! Melhor se dedicar a outra coisa. A música não é para você, nem acordada e nem dormindo; você tem o ouvido de lata, Victória,

de lata. A música não é pra você. Por outro lado é indispensável que todo mundo ande com um violino debaixo do braço, não é necessário que todos sejam Paganini; também precisamos dos Silva, dos Sousa... Enfim!Paciência! Por que não procura um noivo que seja suficientemente tonto e abstrato, que quando perguntarem a ele se tem um pensamento próprio, ele responda que não, que são todos emprestados. Enfim! Paciência! Por que você não aprende a cuspir? Para isso não é preciso ser afinada; e cuspindo e cuspindo, se pode chegar muito longe. Vamos tentar de novo, Victória. Façamos o ridículo pela última vez, como dizia seu pai. Apoia o instrumento nas bochechas... Não, assim não, Victória, se trata de um violino, não de um colar ortopédico. Quem apóia desse jeito, Victória? Derrota, deveria ser seu nome... Pára, pára! Vai me deixar louca! É isso o que você quer, deixar-me louca? Quer que aconteça o que aconteceu com sua tia Adriática, que todo mundo grite : "Aí vai a velha louca?" Pois não! Sou muito racional; e que fique bem claro, ainda que esteja dormindo. Sou muito racional! (Mudando de tom) Victória, filha, na família temos afeição pelas musas. Olha as suas irmãs: Jacinta, sem ir mais longe, cada bordado que faz, é uma obra de arte; ou sua tia Gumersinda, que faz um vinho de ameixa digno de uma mesa de reis; ou sua tia Adriática – Que Deus a tenha em sua glória! – que pintava umas paisagens com tal realismo e formosura que quando abríamos as janelas da casa para ventilar, as árvores dos quadros se mexiam; e sem falar de sua irmã Francisca... Bom, ela não é muito dada à arte... porque teve filhas. Entende porque eu quero que você aprenda a tocar música? Já que não tem homem, que pelo menos tenha um violino. Vamos de novo. Se estragar o violino, te quebro a cara. Vamos respirar profundamente e procurar em nosso espírito um pouco de calma pra gente continuar tentando. Não se preocupe, sua mãe vai lhe ajudar a domar sua sensibilidade transbordada. Bem, Victória.... Victória, Vito, onde você está? O quê você está fazendo atrás da poltrona? Você está urinando? Meus Deus, isso é o cúmulo! Estas poltronas têm mais de cem anos, e nunca ninguém urinou nelas, e você esvaziou sua bexiga sobre cem anos de arte! Levanta descarada! Levanta, estou mandando! Quanto cinismo há em sua alma! Não tem nenhum respeito pelo passado, nenhum respeito pelo legado da família. Nunca vou conseguir nada com você. Vai ficar sozinha, burra; sem homem e sem violino.

A luz baixa sobre a cena; Celina e Eleonora começam a se vestir de Francisca e Jacinta.

XIII

As mudanças de cena começam a ser mais rápidas. Eleonora, vestida de Francisca, escreve.

Eleonora adulta escreve à sua irmã.

ELEONORA: Querida irmã: tia Victória caminhou sonâmbula por muitos anos, creio que nunca despertou; dessa forma conseguiu partir daquela casa. Porque ainda que não dissessem, todas queriam partir: tia Adriática saiu voando, tia Victória se exilou no sonho, tia Jacinta...se lembra da tia Jacinta?

XIV

Celina assumiu o papel de Jacinta, e Eleonora de Francisca, devido à rapidez das mudanças de cena, temos a sensação de que já não existem fronteiras entre as personagens.

JACINTA: Francisca, irmã, algo estranho acaba de me acontecer.

FRANCISCA: O quê Jacinta?

JACINTA: Como você sabe, há anos que estou bordando uma manta para o dia em que Eleonora e Celina se casarem e...

FRANCISCA: O que foi minha irmã?

JACINTA: É uma paisagem com veados e uma montanha; e há uma lua porque é de noite, porque se fosse de dia, deveria haver um sol, não é verdade?

FRANCISCA: É verdade.

JACINTA: E não consigo terminar a bendita lua, e fico até tarde da noite... É como se alguém segurasse a minha mão e não há como terminar a bendita lua.

FRANCISCA: É que paramos no tempo.

JACINTA: Como assim?

FRANCISCA: Não sei se entende, nós ficamos paralisadas; por dentro estamos quietas, não avançamos.

JACINTA: Francamente não te entendo, irmãzinha.

FRANCISCA: Melhor que não me entenda.

JACINTA: Mas queria entender, quer dizer, queria que alguém me explicasse o que está acontecendo. Às vezes, não sei onde estou: às vezes acredito que estou na cozinha, então vou até a sala e encontro a mim mesma na sala lendo ***"Vista Panorâmica do Terremoto de Ibarra"*** – é um livro comovente, é tão verídico que para lê-lo você tem de se agarrar à cadeira; me dá pânico, então eu o leio embaixo do batente da porta. Mas o que eu queria dizer é que eu me encontro ali, mas é como se eu fosse uma outra pessoa, diferente de mim, porque eu, na realidade, estou na cozinha ou estou na sala, e a que está na cozinha é outra. Mas às vezes também estou cortando flores da ameixeira, e, às vezes, bordando a bendita manta pras minhas sobrinhas do coração; e não sei qual de todas essas Jacintas sou eu. É uma confusão, eu sei,mas...

FRANCISCA: Não se preocupe. Às vezes somos tantas!

JACINTA: Eu não me preocupo.

FRANCISCA: Faz bem. E entre todas as suas Jacintas você não tem nenhuma para me dar?

JACINTA: Todas as minhas Jacintas são suas.

FRANCISCA: Obrigada. Vou colocá-las num vaso de flores.

JACINTA: Mas há outra coisa que queria entender.

FRANCISCA: Conte-me.

JACINTA: Posso fumar?

FRANCISCA: Claro! Mas você não fuma...

JACINTA: Estranhamente começou a sobrar tempo para fazer coisas que nunca fiz; por exemplo, tomar um copinho de vinho de ameixa de mamãe e tia Gumercinda, comer biscoitinhos salgados, restaurar a foto da minha primeira comunhão, encadernar meu diário... essas coisas, sabe?

FRANCISCA: Irmãzinha, sua vida está cheia de fortes emoções, mas, por quê não procura um homem pra você?

JACINTA: É sobre isso que eu queria falar.

FRANCISCA: Ah! É?

JACINTA: É.

FRANCISCA: Não me diga que você conseguiu um.

JJACINTA: Sim.

FRANCISCA: Isso é um prodígio!

JACINTA: E tem mais!

FRANCISCA: Mais prodígios?

JACINTA: Sim.

FRANCISCA: Conte-me , estou morrendo de curiosidade para saber como é.

JACINTA: Vai ver. Acontece que escrevi pra essa seção do jornal que se chama "Corações Gêmeos"...

FRANCISCA: Você escreveu a essa seção?

JACINTA: Sim, achou ruim?

FRANCISCA: Não... Me surpreendeu.

JACINTA: Por quê?

FRANCISCA: Porque nuca tinha pensado nisso.

JACINTA: Porque não está tão sozinha quanto eu, ou porque não é tão ridícula quanto eu.

FRANCISCA: Não, Jacinta. E porque não tenho a letra boa e minha ortografia é péssima; ao invés de escrever: "necessito de amor" posso escrever: "necessito de amo"; então me mandam qualquer coisa.

JACINTA: Ah, bom! Se é por isso... Eu tenho letra gótica.

FRANCISCA: Sim, irmãzinha; você tem uma letra para corações solitários, para almas gêmeas, para correios sentimentais; uma letra tão bonita que parece escrita pela alma.

JACINTA: Nem tanto.

FRANCISCA: Sim, e muito mais. Suas cartas não podem ficar guardadas em uma gaveta, porque as letras começariam a escorrer pelas frestas, a fugir pelos poros de madeira, a subir pelos corpos dos amantes ausentes, a arranhar-lhes o peito, a pegar pela lapela e a gritar em letras góticas:

"Estou aqui, não me deixem sozinha, sou Jacinta, a letra gótica fora de moda, que ninguém mais usa!" Ninguém mais escreve com sua letra, irmãzinha.

JACINTA: Não, eu recebi várias cartas...

FRANCISCA: Não me diga?

JACINTA: De um mesmo homem. Bom, não sei se é um homem! Se lembra do Apolo?

FRANCISCA: Não.

JACINTA: Do Apolo, pois, aquele que chamavam de ***Tomillo***, Apolo ***Tomillo***. Se sentava atrás da gente no sexto grau e se declarou pra mim debaixo da ameixeira do jardim... A única declaração de amor que recebi em minha vida foi aos doze anos e foi Apolo ***Tomillo*** quem me disse: "Quer ser minha noiva?" E eu lhe disse: "O que é que eu tenho de fazer?" E ele me disse: "Nada". E eu lhe disse: "Ta bom." Nos demos as mãos e ficamos juntos observando a ameixeira e começou a chover e nós não nos movemos; estávamos petrificados e chovia e a chuva caindo sobre nós... Então me dei conta de que o amor é impermeável. Esse Apolo que é quem responde às minhas cartas; mas o que é estranho, o que não entendo, é que ele tem a mesma letra que antes, como se para ele o tempo tivesse parado naquele instante; não entendo por quê depois de tanto tempo continua desenhando barquinhos e flores nas margens de suas cartas; não entendo por que não cresceu; não entendo por quê depois de tantos anos aquele menino volta a me atormentar, ele que por um lado foi o único que me amou de verdade. Porque seu amor tinha a inocência suficiente para não me machucar. Por quê a vida é como é?

FRANCISCA: Você tem que ir buscá-lo.

JACINTA: Como?

FRANCISCA: Saia pela rua e comece a caminhar. Acenda um cigarro, dê uma última olhada a esta casa e diga: "Que vão todos à mesmíssima merda! Eu vou buscar meu Apollo Tomillo, o que perdi há trinta anos." E caminhe, e caminhe, e se perca para sempre de nós.
(Jacinta começa a rir.)
E caminhe e vá longe, se perca em nossa memória. Já não há tristeza nem desespero, porque no final todas as Jacintas são uma, caminhando no tempo.

Celina-Jacinta caminha pelo espaço com uma mala, enquanto Eleonora-Francisca a observa. A luz baixa. Se ilumina a ameixeira.

XV

'Celina adota a personagem de Blanquita enquanto Eleonora escreve.

Eleonora adulta escreve à sua irmã.

ELEONORA: ...Todas queriam ir porque o tempo havia parado. Então podiam viver o vivido e vivê-lo bem. Se até Blanquita se foi, aos gritos e protestos, como era natural à Blanquita e à todas as Blanquitas do mundo. Creio que se encontrou com o corpo de tia Adriática, porque na casa de nossa infância tudo podia acontecer.

XVI

Eleonora entra no armário e veste a roupa de tia Adriática. Celina-Blanquita limpa um copo que está agarrado à sua mão.

BLANQUITA: Com essa história do tempo ter parado, a casa ficou de pernas pro ar e eu estou a ponto de enlouquecer. Faz cinco dias que estou lavando este copo e não posso ir fazer outra coisa. O dia não passa, são sempre onze horas da manhã, Victória não acorda, Jacintinha partiu com seu noivo, o menino Apolo - Apolo XII te digo – não vê que com essa idade se conheceram? Porém a que sai perdendo é sempre a empregada: Claro, as senhoronas se detêm no tempo sempre senhoronas, mas as criadas se fixam no tempo para sempre criadas, e aí nos fodemos!; Por isso não pude me livrar desse copo pentelho. Olha, parece que está colado com super-bonder! Tenho tido fortes dores nas omoplatas, que são esses pratos que temos nas costas; parecemos louças e não pessoas. Estamos cansadas, cansadas! Tudo me dói, tudo: Ai, ai, ai, se me agacho, ui, ui, ui, se me levanto! Olha essas pernas, pura curva cheia de depressões! Estou fodida! E isso que esfrego a pomada Padre Cícero; pior ainda. Tem cheiro de petróleo e, claro, cheiro de caminhão a diesel e aí ninguém se aproxima de mim. Quando se é pobre, se cheira à cozinha de pobre e tem de agüentar a pomadinha; porque se fosse rica já teria operado as panturrilhas, teria colocado marcapassos, olho de vidro, levanta-teta; tudinho já teria feito... E aí sim, que o tempo parasse! O tempo das senhoronas não é o mesmo tempo que o nosso, o das criadas. Estamos fodidas, fodidas!..
(Blanquita fica diante da aparição de Dona Adriática morta. Tem o mesmo aspecto de antes, com asas e tudo.)

LA EDAD DE LA CIRUELA

ADRIÁTICA: Blanquita, faz o favor de me dar um copo d'água.

BLANQUITA: Dona Adri...!

ADRIÁTICA: Que foi?

BLANQUITA: Não, nada... A senhora por aqui?

ADRIÁTICA: Vim de passagem, como andava aqui por perto...

BLANQUITA: Ahh...! E como vão as coisas?

ADRIÁTICA: Bem, mas tenho tanta sede...

BLANQUITA: (Servindo-lhe de água)
É que o céu deve ser bem grande.

ADRIÁTICA: Grande e vazio; parece que antes havia bastante gente, mas agora não há ninguém.

BLANQUITA: E a senhora já viu algum parente?

ADRIÁTICA: Nem um. Bom, já vou.

BLANQUITA: Dona Adri...

ADRIÁTICA: Sim?

BLANQUITA: Como se sente?

ADRIÁTICA: Sozinha. É tão grande aquele lugar e tão solitário...

BLANQUITA: É que todos devem estar no inferno.

ADRIÁTICA: Não, também está vazio. Já não há ninguém no céu nem no inferno.

BLANQUITA: Estamos fodidas!

ADRIÁTICA: Parece que agora as pessoas morrem para sempre. Bom, já vou!

BLANQUITA: Dona Adri...

ADRIÁTICA: Sim?

BLANQUITA: A senhora sente saudade?

ADRIÁTICA: Sim, especialmente das coisas que não fiz. É estranho, mas você cruza o umbral e não sente pena pelo que deixou, mas sim pelo que não teve e não terá jamais... Jamais é uma palavra que não gosto, tem de se lutar contra esta palavra; eu não, porque já estou no jamais, e vi o grande vazio que é... Blanquita, não há céu, não há inferno, mas já deixei de me preocupar, porque, em poucas palavras, eu nem mesmo existo. Bom, já vou.

BLANQUITA: Quando tiver sede, venha sem demora. Vou deixar aqui um copo e uma jarra com água pra você.

ADRIÁTICA: Obrigada, Blanquita. Adeus.
(Sai.)

BLANQUITA: Adeus, dona Adri... Agora sim que terminamos de nos foder. Não só pelos mortos que começaram a povoar a casa; mas acontece que agora não tem céu nem inferno; de nada serve levar uma vida de penitência e de bondade. Tem que se tornar má e cruel, e aprender a trair, porque aquele trai a você, você me trai, eu traio aquele... e nesse jogo de traições nos esquecemos de ser pessoas de boa vontade; nos esquecemos das boas intenções que tínhamos com a vida. Agora chega! Paro de ser boba! Porque reconheço que está bem que seja assim, porque agora não há céu, nem inferno, todos temos que fazer por nós mesmos; não para ganhar o paraíso, mas para ganharmos o pão honradamente, sem tirar de ninguém.
(Gritando.)
Escutem todas as senhoronas desta casa! : Blanquita, que tem lavado os trapos sujos dessa família, está farta e está voltando ao lugar de onde nunca deveria ter saído, a Píllaro; porque já não há mais profetas em sua terra e nem em outra, já não há profetas em lugar nenhum e Blanquita está velha e cansada; não pelos anos de vida que dediquei à servidão nesta casa, mas por ser uma tonta que demorou trinta anos para se dar conta de que as pessoas não são gatos: só temos uma vida, e se não a vivemos, nos fodemos. E tenho dito! Me saiu bem esse discurso...

(Tentando tirar a mão do copo)

Copo pentelho! Vou ter de levá-lo colado na mão pelo resto da vida!

A luz baixa. Eleonora começa a se vestir de avó Maria. Celina coloca duas bicicletas no proscênio.

XVII

Celina lê sua carta e veste a roupa da avó Gumersinda. Eleonora-avó Maria está sobre a bicicleta.

Celina adulta escreve à sua irmã.

CELINA: Minha querida irmã: Acredito que as últimas a irem embora foram vovó Maria e vovó Gumersinda; levaram muitas malas e muita desfaçatez. Ao vê-las passar de bicicleta aquela tarde, ninguém pensaria que essas duas anciãs pacíficas haviam se odiado com tanto rancor e se amado com tanta fúria, que só lhes restava pedalar juntas até desaparecer.

Celina-avó Gumersinda sobe na outra bicicleta. A luz se concentra sobre essas duas personagens e sobre a ameixeira ao fundo.

MARÍA: Não deixe de pedalar, Gumersinda, não deixe de pedalar.

GUMERSINDA: Não sei de onde você tira energia.

MARÍA: É o tempo que parou. Que bem me sinto sem tempo!

GUMERSINDA: Estou cansada.

MARÍA: Eu não. Isso de andar de bicicleta é como fazer pela primeira vez.

GUMERSINDA: Fazer o quê?

MARÍA: Amor, filhinha, amor.

GUMERSINDA: Que está dizendo, Maria? Temos mais de sessenta anos!

MARÍA: A velhice! Divino tesouro!

GUMERSINDA: Por favor, Maria, modere!

MARÍA: Não entendo como pôde ser amante de Alfonsito o tímido, sendo tão pudorosa.

GUMERSINDA: Eram outros tempos.

MARÍA: Não existiam bicicletas?

GUMERSINDA: O que quer dizer com isso?

MARÍA: É que não acredito que Alfonsito o tímido, tenha sido mais excitante que uma bicicleta.

GUMERSINDA: Você é cruel, Maria. Sabe Deus por quê te agüento!

MARÍA: Porque somos companheiras de amores.

GUMERSINDA: E de terrores.

MARÍA: Onde há amores, há terrores.

GUMERSINDA: Você teve muitos amores?

MARÍA: Só um: Alfonsito o tímido.

GUMERSINDA: Mentirosa!

MARÍA: Juro!

GUMERSINDA: E os outros?

MARÍA: Os outros foram comes e bebes, mais ou menos, põe e tira; puro exercício.

GUMERSINDA: Mas em uma época você era obcecada por homens.

MARÍA: Pura curiosidade.

GUMERSINDA: Curiosidade de vê-los nus numa cama.

MARÍA: A curiosidade provoca gozo, não necessariamente prazer.

GUMERSINDA: Eu nunca pude distinguir.

MARÍA: É que você era muito educada.

GUMERSINDA: E você muito descarada.

MARÍA: Não, acontece que entendi que o tempo não perdoa; nem o gozo, nem o prazer, nem o ódio, nem nada.

GUMERSINDA: Então somos hipócritas porque nos agarramos aos costumes.

MARÍA: O problema de ser hipócrita é quando deixamos de ser, que é geralmente na velhice, quando de nada serve deixar de ser.

LA EDAD DE LA CIRUELA

GUMERSINDA: Ora veja, que além de velhas somos hipócritas, e ainda por cima inconscientes.

MARÍA: Sim, e o que tem?

GUMERSINDA: Nada, só pensei em voz alta.

MARÍA: Fazem muito barulho seus pensamentos. Pedala, vamos, pedala.

GUMERSINDA: Você se lembra de nossa infância?

MARÍA: Uma monstruosidade!

GUMERSINDA: Para mim, foi o único tempo que teve sentido.

MARÍA: A nostalgia nunca tem sentido.

GUMERSINDA: Com o passar dos anos, o que nos resta é voltar ao princípio.

MARÍA: Duas meninas assustadas por um pai ausente e uma mãe que grudava a cara nas fotonovelas, mais assustada ainda; a professora e a história do país, também assustadas; todos com pânico de um futuro que poderia ser diferente do passado. Esse é o terremoto de nossa infância; e nós suas cópias em menor intensidade. Mas cópias apenas.

GUMERSINDA: Você fala da nossa infância com um desprezo que não entendo.

MARÍA: Não só da infância: da juventude, da velhice, da vida.

GUMERSINDA: Cale a boca!

MARÍA: Não, cale a boca você! Acredita que vivemos bem todos esses anos? Por quê acha que todas vão embora daquela casa velha? Porque temos que dar o salto mortal, querida irmã, aquele que nos separa da embriaguez de nossos antepassados, das surras que levamos de nossos pais. Porque um dia tive a grande idéia de dizer na mesa que esta não era uma família; então papai começou a tossir e os grãos de arroz saltaram de sua boca como se estivesse em um casamento, e as ervilhas rebatiam na mesa como bolas de pingue-pongue; a minha mãe afundou a cabeça no prato, como quem quer dizer: "~~*Tragam a menestra!*~~*Feijão, me engula, por favor!*" Então meu pai tirou o cinto, e... Toma sua surra, pequena traidora, toma, toma, para que aprenda a andar com a cabeça baixa como sua mãe e suas irmãs!

GUMERSINDA: E o outro?

MARIA: Não tem outro. Continue pedalando.

GUMERSINDA: Porque até aqui, parece que só você apanhava.

MARIA: Não me lembro de você apanhando.

GUMERSINDA: Porque só nos lembramos do que nos dói.

MARIA: Já tenho muitas dores pra ficar sentindo a dor dos outros.

GUMERSINDA: Eu também estava naquele almoço.

MARIA: Mas você sempre teve a capacidade de estar e não estar.

GUMERSINDA: Porque não suportava aquilo; então me imaginava em outro lugar, com outras pessoas, onde tudo era diferente: as pessoas, as casas, as coisas; e eu caminhando por ruas onde me sentia diferente. Era um sentimento agradável. Depois voltava à mesa familiar e tudo era diferente.

MARIA: Você fugia.

GUMERSINDA: Chame como quiser. Eu digo que imaginava.

MARIA: Enquanto batiam em mim, você se dedicava a imaginar.

GUMERSINDA: Não, Maria, nunca te deixei à mercê das surras, porque levava você comigo aos meus passeios; nunca disse que estava sozinha por aquelas ruas. Você estava lá: ao meu lado, à minha frente, atrás, em cima de mim. Eu era Maria num lugar sem prepotências, sem surras, sem intolerância; um lugar aqui no meu coração, que é o único órgão capaz de imaginar: não é a cabeça, Maria, é o coração.

MARIA: Continue pedalando.

GUMERSINDA: Sim, é preciso pedalar até desaparecer...

A luz baixa sobre as silhuetas das duas anciãs que, pedalando, se convertem em Celina e Eleonora.

XVIII

Celina, sobre a bicicleta, começa a agir como Celina menina; Eleonora a observa.

Eleonora escreve a última carta à sua irmã.

ELEONORA: Minha irmãzinha: Escrevo esta carta para lhe dizer que a última a partir foi mamãe. Assim como os outros deixam flores sobre os túmulos, foi deixada, com certa tristeza, uma ameixa real sobre o pedaço de terra onde está a nossa mãe. Algumas tardes acompanho a deteriorização da fruta, e vejo como pouco a pouco ela começa a se decompor, a perder a cor firme e a adquirir as cores da velhice. A ameixa perde a forma de ameixa perfeita: o círculo que a contorna desaparece, sua pele se enruga porque sua carne fugiu para outra idade e para outra ameixa.

XIX

Eleonora entra em um baú. Celina abandona a bicicleta e a acompanha. A luz baixa e se concentra sobre as duas irmãs e sobre a ameixeira do fundo; esta última cena pode ser feita pelas irmãs adultas ou crianças.

CELINA: O tempo voltou a correr.

ELEONORA: Mamãe disse que nós temos que ir, porque a casa está muito velha e as vigas estão podres.

CELINA: As vigas estão podres porque as ratazanas as estão comendo.

ELEONORA: Mamãe disse que para onde vamos não têm ratazanas porque é um apartamento na cidade...

CELINA: Lá as ratazanas andam de carro e tomam café da manhã nos hotéis: café com leite e ovos fritos. E tem umas que são brancas e sabem idiómas.

ELEONORA: As ratazanas não falam.

CELINA: Sim, falam, e também insultam.

ELEONORA: As ratazanas?

CELINA: Sim.

ELEONORA: Então não quero ir.

CELINA: Nem eu...

ELEONORA: Mamãe disse que temos que crescer.

CELINA: Ela que cresça, se tem vontade!

ELEONORA: Será que existe um lugar no mundo onde não tem ratazanas?

CELINA: Sim.

ELEONORA: Onde?

CELINA: Nos pensamentos.

ELEONORA: Como, nos pensamentos?

CELINA: Você imagina um lugar onde só existe gente feliz e imediatamente ali um cartaz que diz: "É proibida a entrada de ratazanas." ... E pronto: Nesse lugar não tem ratazanas!

ELEONORA: Mas onde?

CELINA: Em seu pensamento.

ELEONORA: Mas não se pode viver no pensamento.

CELINA: Melhor.

ELEONORA: Melhor o quê?

CELINA: Melhor que ali ninguém possa viver.

ELEONORA: Por quê?

CELINA: Porque se um ser humano vivesse lá, seguramente haveria ratazanas.

ELEONORA: Então esse lugar não serve pra nada.

CELINA: Serve para saber que um pensamento pode guardar um montão de gente feliz.

ELEONORA: Como uma mala.

CELINA: Como uma mala sem sentido que não existe e não serve para nada, porém com um montão de gente feliz.

ELEONORA: As pessoas felizes não servem para nada?

CELINA: Não.

ELEONORA: Que bom, porque deve ser feio servir pra alguma coisa e ser infeliz!

CELINA: Por isso eu não sirvo para nada.

ELEONORA: Nem eu.

CELINA: Somos um par de inservíveis, um par de mulheres que não servem para nada, que não servem para ninguém, que não servem... Mulheres que não querem servir. Nesta casa todas as mulheres serviram para algo, mas nós duas somos inservíveis, não servimos para nada, para nada...

ELEONORA: Bravo! Foi o triunfo de um pensamento que não existe, que não serve para nada, mas que está cheio de gente feliz.

CELINA: Bravo!

ELEONORA: Nós temos que ir. Mamãe disse que temos que amadurecer.

CELINA: Como as ameixas de nossa avó Maria.

ELEONORA: Adeus, Ameixa!

CELINA: Ameixa, adeus!

Fecham a tampa do baú e cantam a mesma canção infantil do começo. Se escuta muito longe até se perder definitivamente. A luz baixa sobre o baú e depois sobre a ameixeira ao fundo.